Capítulo IX — O Messias predito

É manifesto que, nas Figuras, Deus quis representar o Messias[1].

Todavia, convenhamos, por mais semelhantes que sejam, os retratos que acabam de passar diante de nossos olhos não poderiam bastar. Velados por sombras mais ou menos espessas, deixam adivinhar o Libertador futuro mais do que o mostram com nitidez. Ora, Deus quer que o sinal do Messias seja tão característico que seja impossível ao homem, a menos de uma cegueira voluntária, enganar-se e desconhecer seu Redentor.

Eis, pois, que vai dissipar todas as sombras, acabar todos os traços e fixar todas as incertezas. Para isso, que faz? Em sua infinita sabedoria, suscita os Profetas. Associando a inteligência deles à sua inteligência infinita, comunica-lhes os segredos do futuro. Diante de seus olhos põe o Desejado das nações e lhes ordena que o descrevam com tanta precisão que nada seja mais fácil do que distinguir, entre todos os outros, esse filho de Davi que salvará o mundo. Que são, então, as profecias? São o sinal completo do Redentor prometido desde a origem dos tempos e figurado sob mil traços diversos.

> *Pelo exame atento do texto sagrado, diz um de nossos mais célebres orientalistas, vê-se claramente que todas as profecias formam, se me é permitido exprimir-me assim, na circunferência dos quatro mil anos que precedem o Messias, apenas um grande círculo, cujos raios todos vão dar no centro comum, que não é e não pode ser senão Nosso Senhor Jesus Cristo, o Redentor do gênero humano culpado desde o pecado de Adão. Tal é o objeto e o único fim de todas as profecias que concorrem para no-lo assinalar. Formam em seu conjunto o quadro mais perfeito. Os Profetas mais antigos traçam-lhe o primeiro esboço; à medida que se sucedem, acabam os traços deixados imperfeitos por seus predecessores. Quanto mais se aproximam do acontecimento, mais se animam suas cores; e, quando o quadro está terminado, os artistas desaparecem. O último, ao retirar-se, cuida de indicar a personagem que deve levantar-lhe o véu. Eis que vos envio, diz ele[2], em nome do Eterno, Elias, o Profeta (João Batista), antes que venha o dia grande e temível do Senhor [3].*

Mas leiamos nós mesmos as profecias, tão justamente chamadas o Evangelho antecipado.

> *O Messias, dizem-nos os Profetas, uns mil anos, outros sete, outros cinco, outros quatrocentos antes do acontecimento, o Messias será Deus e homem ao mesmo tempo; será filho de Deus e filho de Davi; nascerá em Belém de Judá, de uma mãe sempre virgem; seu nascimento ocorrerá quando o cetro de Davi tiver passado às mãos de um estrangeiro; será adorado em seu berço por reis, que lhe oferecerão, em presente, ouro e perfumes. Por ocasião de seu nascimento, far-se-ão morrer os meninos de Belém e dos arredores; suas mães aflitas farão ouvir, sobre as alturas, gemidos inconsoláveis. Quanto a ele, retirar-se-á para o Egito, de onde Deus, seu Pai, o fará voltar a Nazaré. Será pobre, e a humildade, a bondade, a justiça formarão seu caráter. Tal será sua doçura que não acabará de quebrar a cana já rachada e não apagará o pavio ainda fumegante.*

> *Diante dele marchará um precursor que, levantando a voz no deserto, pregará a penitência, anunciará sua próxima chegada e se esforçará por preparar os homens para apegar-se a ele. O Messias pregará o reino de Deus aos pequenos e aos pobres; numerosos prodígios, operados no céu, sobre a terra e sobre o mar, lhe darão testemunho: curará os leprosos, libertará os possessos, devolverá a vista aos cegos, o ouvido aos surdos, a vida aos mortos.*

> *Entretanto, seu povo o desconhecerá; será perseguido, contradito, caluniado; entrará em Jerusalém, entre aclamações, montado numa jumenta seguida de seu jumentinho; honrará com sua presença pessoal o novo templo, que se tornará assim mais glorioso que o primeiro; anunciará a reconciliação do céu com a terra, dos homens com Deus.*

> *Um de seus discípulos, admitido à sua mesa, o trairá e o venderá por trinta moedas de prata; essa prata será levada de volta ao templo e dada a um oleiro como preço de seu campo. Todos os seus discípulos o abandonarão; seus inimigos se apoderarão de sua pessoa; será maltratado, dilacerado de golpes, coberto de escarros, tratado como verme da terra; ser-lhe-ão furados os pés e as mãos; como o cordeiro que se leva ao matadouro, não abrirá a boca para queixar-se e será posto entre malfeitores; dar-lhe-ão vinagre a beber; repartirão suas vestes e lançarão sorte sobre sua túnica. Por fim, será morto, e isso, dizia Daniel, ocorrerá dentro de quatrocentos e noventa anos.*

> *Por sua morte expiará, vítima voluntária, todas as iniquidades do mundo e ficará três dias no túmulo; dele sairá cheio de vida, subirá ao céu, enviará o Espírito Santo sobre seus discípulos e renovará a face do mundo. Fará com o gênero humano uma aliança mais perfeita que a de Moisés. Converterá as nações, que se apressarão, de todas as partes, a abandonar seus ídolos para apegar-se a ele: de uma extremidade do universo à outra, os povos mais opostos em costumes e em língua se reunirão para adorá-lo. Estabelecerá um sacrifício novo que substituirá sozinho todos os sacrifícios, que será oferecido não em um só país, em um só templo e em favor de um só povo, mas em favor de todos os povos, em milhões de templos, perpetuamente, do Oriente ao Ocidente. Esse sacrifício será tão santo que tornará grande o nome do Senhor.*

> *Quanto a seu povo, que o terá renegado, deixará de ser seu povo; e, em castigo da morte do Messias, a cidade e o templo de Jerusalém serão arruinados e queimados por um povo estrangeiro, comandado por seu príncipe em pessoa; e os filhos de Israel, errantes, desprezados, ficarão sem altar, sem sacrifícios, sem sacerdotes, sem reis, num estado de desolação que durará até perto do fim dos tempos.*

> *Então Elias descerá do céu para convertê-los e, logo depois, haverá sinais espantosos no sol, na lua e nas estrelas; todos os elementos estarão em confusão e o Messias, reunindo todas as gerações no vale de Josafá, virá julgá-las, cercado de grande poder e de grande majestade*[4]*.*

Eis o sinal do Messias tal como é traçado pelos Profetas. Com esse sinal na mão, procuramos entre os filhos de Davi aquele a quem convém exclusivamente e em todos os pontos. Nossa busca não é longa nem difícil. Semelhantes ao navegante que, à aparição da costa desejada, repete com entusiasmo: Terra! terra!, logo caímos de joelhos e, nos mais vivos sentimentos de admiração, de respeito e de amor, nossa boca proclama o adorável nome do Menino de Belém.

Ao explicar as profecias, devemos assinalar um fato essencial, e talvez pouco notado[5]: a saber, que os Profetas nunca deixam de autorizar seus oráculos a respeito do Messias com o anúncio de acontecimentos próximos; ou, se estes são distantes, o cumprimento deles será tão visível quanto o sol ao meio-dia. Dele citaremos aqui apenas um exemplo.

Quem pode duvidar da verdade dos oráculos de Isaías sobre o Redentor, quando compara com o acontecimento a predição desse grande Profeta sobre a cidade de Tiro? No tempo em que falava Isaías, Tiro era uma das maiores e mais fortes cidades da Ásia, talvez até a mais opulenta cidade do mundo. Contudo, o Profeta anuncia em termos precisos que essa rainha do mar não será mais, um dia, que uma miserável aldeia, habitada por alguns pobres pescadores, que lavarão suas redes

na mesma praia onde aportavam outrora os soberbos navios de todas as nações. Tal é Tiro hoje. Até o ímpio Volney, de pé sobre suas ruínas, não pôde deixar de exclamar ao ler Isaías: O oráculo se cumpriu! Mas, homem cego! se o oráculo se cumpriu, então os outros, de que este é a prova, se cumpriram ou se cumprirão do mesmo modo. *«Não quiz instruir-se para fazer o bem.»*

Notemos ainda quão invencível é a prova da divindade da religião tirada das profecias. Com efeito, só Deus conhece o futuro, o futuro que, dependendo do livre concurso das vontades e das paixões humanas, escapa a todos os cálculos. Só Deus pode, pois, dar ao homem conhecimento dele. O dom desse conhecimento, que faz participar a inteligência criada das luzes da inteligência infinita, é um milagre evidente. Ora, Deus não faz milagres para autorizar a mentira. Logo, Jesus Cristo, que ele fez anunciar tantos séculos antes por tão grande número de Profetas desconhecidos uns dos outros como o Redentor do mundo, como o Enviado do Céu e o Messias prometido desde a origem dos tempos, não é um impostor; logo, sua religião não é uma fábula: negar isso é extinguir em si a última luz da razão, é fixar seu lugar entre os brutos[6].

Um último ponto em que convém insistir é o admirável meio que a providência escolheu para pôr acima de toda suspeita a antiguidade e a integridade das profecias. Um exemplar de cada livro santo é depositado no templo de Jerusalém e confiado à guarda dos Sacerdotes. Numerosas cópias estão nas mãos de todo um povo, que delas faz, nas casas e nas sinagogas, sua leitura habitual. Como alterar uma obra que se acha possuída, ao mesmo tempo, por milhões de pessoas desconhecidas umas das outras?

E não é tudo: por um traço de sabedoria que nunca se admirará bastante, o povo judeu deixa de ser o único depositário das Escrituras cerca de dois séculos antes da vinda do Messias. A pedido de um rei idólatra, seus Anciãos, isto é, seus Doutores, em número de setenta e dois, fazem eles mesmos uma tradução autêntica dos livros santos. Depositada na mais famosa biblioteca do universo, essa tradução é posta fora do alcance deles. Quando chegar o momento, será impossível à Sinagoga negar ou alterar os testemunhos de Moisés e dos Profetas em favor do Messias: essa tradução, nós a temos ainda.

Desde a vinda do Redentor, esses mesmos livros se acham nas mãos de dois povos essencialmente opostos um ao outro, os judeus e os cristãos. Que meio de conluio! Que digo? É precisamente do povo judeu que Deus se serve para levar até a evidência a antiguidade e a integridade das profecias; é a esse povo, essencialmente interessado em alterá-las e destruí-las, que ele confia a guarda delas.

Em vão elas o convencem, diante do universo, do maior dos crimes e da mais inconcebível loucura; nem por isso deixa de ser apaixonado por esses livros sagrados; conserva-os religiosamente, ama-os como o avarento ama o seu tesouro; e, ao preço da própria vida, dá-lhes testemunho por toda a terra. Não somente Deus fez do povo judeu o guarda incorruptível das profecias, fez dele o propagador infatigável. Eis por que esse povo não toma raízes em ponto algum do globo; eis por que está por toda parte sem estar em parte alguma, levando consigo em toda parte, em seu curso vagabundo, e fazendo ler a todas as nações esses livros que já não entende ele mesmo.

Isso ainda não basta: há dezoito séculos, um prodígio único nos fastos do mundo conserva esse povo, ou antes, esse cadáver de povo, sem chefe, sem pontífice, sem pátria, sem altar, sem

sacrifício, por toda parte repelido, por toda parte desprezado, sozinho aclimatando-se em toda parte, sozinho remanescente do mundo antigo, sobrevivendo a todas as ruínas e a todas as convulsões, sem mistura e sem confusão, povo visivelmente feito de propósito para servir de eterna testemunha ao Messias.

Ora, essas promessas, essas figuras, essas Profecias admiráveis fazem brilhar a todos os olhos o plano admirável de nossa redenção, começado desde a origem dos tempos e desenvolvido sem interrupção durante uma longa série de séculos. Com isso estabelecem nossa fé sobre bases inabaláveis, mostrando-nos que a religião cristã estende suas raízes até os primeiros dias do mundo, que é a herdeira de todas as coisas[7], e que é impossível que uma Religião cujo fundador, cujos mistérios, combates e triunfos foram anunciados, figurados, preditos tantos séculos antes não seja obra de Deus. Além disso, como as profecias que já se verificaram nos garantem o cumprimento de todas as que se referem às idades futuras, a certeza de nossa fé fica assim estabelecida sob o duplo aspecto do passado e do futuro: tal é a observação de Santo Agostinho[8].

Notas

[1] Ver, entre outros, Santo Agostinho, De Catech. rud. e Contra Faust., liv. XXII ; Contra Felic. manich. ; Eusébio, Demonst. Evang., liv. IV ; Catech. Conc. Trid., p. 63 ; Bossuet, Sur les caractères des deux alliances, e o Prefácio geral da Bíblia de Vence.

[2] Ml 3, 33.

[3] M. Drach, Première Lettre aux Israélites, p. 41.

[4] Ver a indicação dos profetas no Catéch. de Persév., t. II, 315, 7ª ed.

[5] Foi notado por Pascal, que se exprime assim: «As Palavras dos Profetas são mescladas de profecias particulares e das do Messias, a fim de que as profecias do Messias não ficassem sem prova e as profecias particulares não ficassem sem fruto.» — Pensées, cap. XV, n. 13.

[6] Comparatus est jumentis insipientibus, et similis factus illis. — Sl 21.

[7] Hæredem universorum. — Hb.

[8] De Catech. rud., n. ult.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:13 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:13 by Admin